rem de seus comportamentos individuais. Nem palavras públicas sem comportamentos correspondentes; nem comportamentos desviantes acompanhados de silêncio público. Negar o que a fazia sofrer individualmente a conduziu a negar silêncios impostos a comportamentos tão recorrentes nas relações mulheres/homens; sua contribuição foi sobretudo a de uma **revolução simbólica**: afirmar a correção do que uma infinidade de outras faziam sem a aprovação coletiva.

Mas, acima de tudo, não seria Leila Diniz um caso exemplar da luta para transformar dor em prazer, uma ilustração maior do dilema apontado no célebre samba:

"para que rimar amor e dor?".

AFRÂNIO GARCIA JR. ■

Os companheiros invisíveis

Femmes et Cultes de Possession au Brésil.

ARAUJO, Véronique Boyer.

Paris: Harmattan, coleção Connaissance des Hommes. Prefácio de Marc Augé, 1993.

Mulheres e Cultos de Possessão no Brasil, como o título fielmente designa, trata da relação, conhecida mas pouco compreendida, que as mulheres entretêm com esses cultos. Esta temática privilegiada vai ser objeto de um trabalho etnográfico que explora os cultos de possessão na região amazônica, mais especificamente na periferia urbana da cidade de Belém. Segundo a autora, a relação com esse **mundo invisível** é predominantemente elaborada e praticada por mulheres e sua abordagem se faz no sentido de valorizar as relações pouco exploradas pela literatura antropológica desse predomínio feminino. Trata-se, pois, de uma etnografia que ambiciona compreender o sentido que adquirem certas opções religiosas para um grupo específico de mulheres. A compreensão que alcança este trabalho diz respeito, portanto, a um contexto cultural específico, relacionado a trajetórias de vida dessas mulheres que revelam parte dos constrangimentos sociais que determinaram os seus rumos, bem como o sentido de que dotaram certas experiências que tiveram, os valores que privilegiaram, os meios de ação e as escolhas que fizeram.

Nessa importante capital do norte do país, Belém do Pará, predomina, entre os cultos de possessão, aquela modalidade conhecida como **umbanda**, cuja expressão ritual mais forte é dada pela possessão das mulheres por um de seus personagens mais conhecidos e valorizados na região amazônica: o **caboclo**, figura central de seu panteão. Através de uma arquitetura que nos surpreende pelo inusitado e que rapidamente nos convence, Véronique Boyer constrói um triângulo amoroso-institucional (cheio de conseqüências antropológicas) entre mulheres, seus maridos e seus espíritos, estes últimos conhecidos geralmente como «caboclos pertencentes aos cultos de umbanda».

Nas relações conjugais, nas relações de família, nas relações de trabalho, no contexto amazônico, no quadro simbólico de referências à nação, nas relações de poder no campo religioso, em suma, em cada um dos diferentes domínios por onde passam os fragmentos e atribulações do cotidiano, a autora se apressa em ir em busca do sentido da prática religiosa dessas mulheres e para essas mulheres, responsáveis por fazer entrar em seus lares esses estranhos personagens, rivais, no plano doméstico, de seus companheiros humanos, seus maridos.

O resultado que nos apresenta neste livro fala do entrelaçamento entre o **mundo visível** e o **mundo invisível** tal como é vivido e percebido por estas mulheres através do exercício permanente da mediunidade. O que se alcança é, pois, uma surpreendente e crescente plausibilidade do sentido religioso como parte instituinte desse universo social e simbólico. Ao final do trabalho, o leitor está inteiramente convencido de que os caboclos, esses fiéis companheiros das mulheres, embora invisíveis num certo plano, são os que podem, quando compreendidos, fornecer a chave e portanto dotar de uma certa visibilidade formas de existência social um tanto 'opacas' e por isso geralmente ignora-

das por aqueles que não valorizam a rubrica religião nos estudos sociais.

O livro se estrutura em quatro partes, a saber: grupos domésticos e família religiosa; possessão e papéis sexuais; competência ritual e ortodoxia e, por fim, o mundo dos espíritos.

Essa ordem revela uma das preocupações centrais da autora, qual seja, a de ressaltar a ancoragem sociológica do universo simbólico que busca analisar. O circuito começa com a descrição da vida familiar das mulheres e se fecha com o mundo dos espíritos quando estes, finalmente, já estão plenamente 'encarnados'. O mundo dos espíritos emerge, portanto, longe de referências genéricas e estereótipos fáceis, se revelando através da complexidade simbólica que o engendra.

Através desta estruturação do seu trabalho, Veronique Boyer pôde fazer um percurso que aborda diferentes questões que fazem parte do repertório clássico da disciplina e que constituem referências habituais nas etnografias contemporâneas: relações de família e vizinhança, estatutos de gênero, constituição da pessoa, redes sociais e relações de poder, estrutura e critérios do campo religioso no Brasil e o sistema de crenças e de práticas propriamente religioso em pauta. O que , a princípio, pareceria uma banalidade é, com efeito, algo de grande importância para a literatura antropológica sobre esses cultos. O seu trabalho etnográfico recusa decididamente os limites dados por uma concepção antropológica excessivamente estreita que privilegiaria o domínio religioso e excluiria, em conseqüência, a multiplicidade de aspectos que se inscrevem como sociais mas exteriores a este campo, previamente delimitado. Ao reconhecer na estrutura mesma do seu trabalho o embricamento desses e o quanto são frágeis as fronteiras entre domínios sociais diversos, a autora abre para si e para seus leitores a possibilidade de compreender na sua abrangência efetiva o sentido da possessão para esses religiosos.

A tese que defende é simples. Já nos referimos ao triângulo amoroso-institucional (expressão que Véronique não emprega) que relaciona e opõe marido e mulher através da possessão. A sua hipótese de trabalho é que a possessão, por meio desse personagem do mundo invisível, o caboclo, instaura um **contra-poder feminino** capaz de, ao mesmo tempo, neutralizar a submissão da mulher no plano doméstico e reproduzir, de forma enviezada, os valores inscritos no casamento e na vida familiar.

Com efeito, o trabalho etnográfico em questão descreve minuciosamente o que seria, nesta interpretação, uma tensão constitutiva das relações de casamento e dos papéis de gênero. Estes seriam assolados, quaisquer que sejam as circunstâncias, por dois modelos de conjugalidade diferentes que norteariam comportamentos e impulsionariam os projetos de vida diferenciados para homens e mulheres.

Esses modelos, observa a autora, se distinguem pela maior ou menor diferenciação entre os papéis masculinos e femininos, que se efetiva por uma divisão sexual do trabalho baseada em maior ou menor especialização. A presença simultânea desses dois modelos se revela nas expectativas e nos comportamentos cotidianos que são fonte constante de conflitos e tensões entre o casal, além de serem responsáveis por insatisfações mútuas a respeito do desempenho de cada um dos parceiros sobre diferentes demandas da vida em comum. Assim o deslizamento permanente entre o que se entende por atribuições masculinas e femininas exige um esforço constante de adaptação de homens e mulheres. Segundo a autora, diante dessa exigência que ultrapassa uma escolha entre modelos mas exige uma convivência flexível e mutante com os dois, as mulheres parecem mais bem preparadas para respondê-la. Diferentemente dos homens, parecem se adaptar mais facilmente às injunções sociais mais diversas e adversas. Entram e saem do mercado de trabalho, criam meios de prosseguir no mercado informal e continuam, mal ou bem, respondendo pela ordem doméstica. No caso dos homens, o que parece predominar, de acordo com Véronique Boyer, é um apego mais forte ao papel masculino tradicional.

O desempenho das mulheres nesse campo de convivência conflituosa e de disputas constantes vai ter um auxiliar fundamental dado pelo universo religioso que integram. Como já foi dito, esse auxiliar pertence ao mundo invisível e vai ocupar o lugar de um companheiro capaz de reequilibrar as relações domésticas alterando substancialmente a distribuição de seus poderes. Isso só é possível na medida em que este ser condensa, através da possessão, a rede de relações das mulheres que envolve, na forma de clientela, seus parentes, afins e amigos das vizinhanças. Sem esta rede não há nenhuma possiblidade de se dotar de existência efetiva os personagens que emergem através dos ritos de possessão. A construção destes depende, pois, da densidade da rede, do seu tamanho e da situação da mulher na hierarquia do campo religioso local. Em suma, depende

dos recursos materiais e simbólicos de que esta dispõe para fazer funcionar uma casa de culto com sucesso.

A relação que as mulheres assim vão constituindo através e com a possessão envolve diferentes planos de suas vidas e se fazem entrelaçando seus domínios os mais variados. O personagem chave, o caboclo, companheiro invisível, faz parte, portanto, tanto das suas relações familiares, das suas relações de trabalho, quanto pertence ao meio religioso propriamente dito. Essa multiplicidade de inserções só é possível porque envolve uma dimensão até agora pouco referida, qual seja, aquela que diz respeito à construção da pessoa. Essa é descrita pela autora de forma a enfatizar os efeitos da relação com o mundo invisível e seus personagens na constituição da pessoa. Destaca um movimento de criação de um personagem que ao mesmo tempo **está** no médium e **pertence** a ele. Em parte se confunde com o médium, em parte constitui uma individualidade separada com seu estatuto autônomo reconhecido. Os companheiros invisíveis falam pelas mulheres, através das mulheres e sobre as mulheres e essas falas regulam as relações destas mulheres com os seus maridos, com seus trabalhos e seus parentes. Mediadores que, em parte, são desdobramentos de um **eu** e reconhecidos como tal mas que também são **outros** que se exprimem com autoridade sobre esse eu submetido a forças e tensões contraditórias, tanto nos seus ambientes de trabalho quanto em casa, no espaço conjugal e doméstico.

A construção da pessoa, desse modo, permite às mulheres o desenvolvimento de alternativas que tornam possível subtrai-las de um dilema aparentemente sem saída, a saber, a submissão a um único modelo de conjugalidade e de papel de gênero no interior do casamento e do espaço público e doméstico. Deslizamento entre modelos, entre papéis e também entre personagens provenientes dos ritos de possessão vão gerar ainda, neste livro, uma discussão da literatura sobre gênero e papéis no campo religioso especificamente vinculado aos cultos de possessão. A autora, acompanhando o trabalho pioneiro de Peter Fry, destaca como hipótese a idéia de que a inserção das mulheres nesses cultos e a prática da possessão vão possibilitar a elas desenvolver o que seria um papel masculino, na medida em que proveniente da associação com os caboclos. Há pois um certo travestismo sexual e ritual que não possui, como insiste Véronique Boyer, o mesmo sentido para homens e mulheres. No caso dos primeiros, o efeito é uma mais que provável feminização e, no caso das segundas, o efeito oposto, qual seja, uma masculinização de seus comportamentos.

Contudo, a 'masculinização' das mulheres que são possuídas e possuem entidades de umbanda vai se efetivar por meio de uma certa duplicidade de valores: estas mulheres estariam também se dobrando a uma autoridade masculina, já que a possessão implica também a submissão a um **outro** masculino. Nesse caso, o acréscimo de autoridade que ganham é também sancionado pelo fato dessa se fazer nos quadros de uma relação tradicionalmente reconhecida: o caboclo dita as regras que sua médium obedece. Entre o caboclo e o marido e, sucessivamente, de um a outro, as mulheres passam de um espaço de autonomia a um de obediência, de um papel social mais individualizado a outro mais complementar e hierárquico. Conclui a autora que os dois modelos de conjugalidade podem, assim, através da atividade ritual da possessão, conviver e possibilitar aos indivíduos que se debatem nos conflitos e tensões provocados pela duplicidade de valores um caminho de mediação e de reconciliação.

Seria fácil se essa reconciliação produzida ritualmente não contivesse nela mesma sua fonte de tensões e conflitos. Dito de outra forma: como se o espaço ritual do exercício religioso não fosse também um espaço onde as contradições da vida social se expressam e se renovam. O capítulo em que Véronique Boyer se dedica a descrever o universo simbólico da possessão em Belém faz surgir no livro outros personagens que dizem respeito a soluções disruptivas que estão presentes como recursos estabelecidos para médiuns e clientela. Trata-se, segundo a autora, dos personagens que encarnam uma sexualidade desregrada, os **exus**. Caboclos e exus se alternam nos terreiros e nas histórias de vida das mulheres. Representam de forma dramática seus conflitos e seus ideais. Segundo a autora, os vencedores, os caboclos, indicam a prevalência de uma solução que reitera o casamento e a ordem familiar sem excluir, contudo, uma constante tensão entre esses personagens, expressão dos valores contraditórios que encarnam.

O livro de Véronique Boyer, ao ampliar as fronteiras dos estudos sobre a possessão, renova positivamente a literatura sobre religiões no Brasil, além de dar uma contribuição importante aos estudos sobre gênero na sociedade brasileira.

PATRICIA BIRMAN ■